

---

Francisco, R. e Zavaglia, C. *Parece mas não é: as armadilhas na tradução do italiano para o Português*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, 143 p.

---

O livro *Parece mas não é: as armadilhas da tradução do italiano para o português* apresenta, já no título, o que irá tratar: as armadilhas da língua italiana enfrentadas pelo tradutor ao desenvolver um trabalho de tradução para o português. Os autores afirmam que é preciso que o tradutor debruce-se sobre o texto com o botão ‘desconfiômetro’ sempre ligado, para que ele desenvolva a habilidade de não ser enganado por aquilo que parece, mas não é. É este botão que os autores acionam em seus leitores.

O livro apresenta discussões interessantes sobre alguns problemas de tradução que podem estar presentes em outros pares linguísticos, como o inglês/português – nosso caso. O conhecimento sobre esses problemas é relevante para quem realiza

pesquisa na área de Tradução, ou para tradutores em geral, pois pode proporcionar traduções mais reflexivas e com menos inadequações.

A obra é direcionada a para professores, aprendizes e tradutores e traz, de forma sistematizada, um *corpus* composto de 112 traduções do italiano para o português, referentes a 14 textos literários e não-literários, traduzidos por alunos de Tradução. A sistematização dos autores está direcionada às armadilhas de tradução que podem ser encontradas no processo tradutório, como a polissemia, a homonímia e a paronímia, por exemplo, apresentadas no capítulo inicial do livro.

O *corpus* é organizado englobando textos originais, organizados de acordo com as ocorrências das armadilhas de tradução e suas traduções, facilitando a descrição de como os textos foram manipulados no processo tradutório. Os trechos em italiano que contêm as armadilhas de tradução estão enumerados e seguidos das traduções dos alunos, organizadas considerando as traduções mais adequadas até as mais problemá-

ticas, respectivamente. As traduções consideradas menos adequadas são separadas por um espaço, facilitando a identificação pelo leitor. Os textos na íntegra compõem os anexos do livro.

A análise do *corpus* de Francisco e Zavaglia (2008) considerou critérios que permitiram a identificação das armadilhas de tradução apresentadas ao longo do livro: interpretação sintática que não correspondesse ao original; palavras ou expressões traduzidas de forma inadequada; tradução sem naturalidade ou fluência; trecho não-intencionalmente ambíguo; falta de correspondência entre o registro e/ou gênero; inadequações relacionadas às regras gramaticais e de uso da língua de chegada.

O livro é dividido em sete capítulos. O primeiro capítulo tem como foco os conceitos e diferenças entre polissemia, homonímia e paronímia. O segundo, os falsos cognatos. O terceiro capítulo aborda as dificuldades relacionadas às lexias complexas indecomponíveis. O capítulo quatro apresenta questões estilísticas e de usos do português e do italiano.

O capítulo cinco envolve problemas culturais. O sexto capítulo traz problemas diversos que não puderam ser apresentados nos capítulos anteriores, devido à quantidade de ocorrências. O sétimo capítulo apresenta as considerações finais dos autores.

Os autores iniciam a discussão sobre *polissemia* e *homonímia* reconhecendo a dificuldade de conceituação desses termos, pois as linhas que os separam são tênues. *Polissemia* é designada como a palavra com dois sentidos distintos. *Homonímia*, duas palavras distintas, foneticamente semelhantes. Apesar de apresentarem conceitos e visões de outros autores referentes aos dois termos, Francisco e Zavaglia afirmam que tal discussão não é de grande relevância para o estudo em questão, pois tanto a polissemia quanto a homonímia produzem armadilhas semelhantes, exigindo que o ‘botão desconfiômetro’ seja, de qualquer forma, acionado. Os autores, portanto, direcionam a discussão para as armadilhas de tradução referentes à *polissemia* e *homonímia* encontradas nas traduções

que compuseram o *corpus* em estudo. Três observações dos autores, baseadas na análise do corpus, merecem destaque: o fato de um vocábulo ter mais de um significado na outra língua; de uma palavra polissêmica possuir significados que seu correspondente direto não possui; e de uma palavra apresentar um sentido quando utilizada isoladamente e outro sentido quando contextualizada. A seguir, Francisco e Zavaglia chamam atenção para o contexto no qual a palavra é empregada, pois ele definirá qual sentido deve ser utilizado.

Em seguida, os autores direcionam sua linha de discussão para as armadilhas identificadas em decorrência da *paronímia*, que não apresenta uma definição problemática, como no caso anterior. Francisco e Zavaglia seguem a definição de *paronímia* de Ronái (1987, pp. 44-45) como sendo “palavras do mesmo radical com prefixo ou desinência diferente, como ‘janta’ e ‘jantar’ (...) outros dão esse nome também a palavras semelhantes de sentido totalmente diferente como ‘descrição’ e ‘discrição’”. A

*paronímia* pode confundir o tradutor ao ler uma palavra e pensar que é outra, podendo interferir no sentido do texto.

Os autores fazem uso de uma linguagem didática que, aliada à proximidade entre o par linguístico italiano e português, facilita a compreensão das armadilhas de tradução. Ao final do livro, ficou a sensação de que acabamos de ler um alerta contra possíveis armadilhas de tradução e prováveis problemas que podem ser encontrados quando lidamos com línguas estrangeiras, tendo sido acionado o nosso ‘botão de desconfiança’.

É importante citarmos, por fim, Jean Maillot (1969, *apud* Ronái, 1976), citado por Francisco e Zavaglia, que também trata de armadilhas de tradução em seus estudos. Jean Maillot (1969) também aborda armadilhas como polissemia, homônimos e parônimos, apresentados no capítulo I do livro aqui apresentado; termos semelhantes entre as línguas, chamados de *falsos cognatos* ou *cognatos verdadeiros*, que são tratados no capítulo II; sinônimia; variantes nacionais das lín-

guas faladas em mais de um país; expressões metafóricas presentes no capítulo III; termos usados internacionalmente, mas semanticamente distintos em algumas línguas; problemas referentes a verbos, pronomes, conjunções e preposições, tratados no capítulo VI; e o uso de dicionários, tanto os bilíngues ou multilíngues quanto os técnicos, ainda no capítulo VI.

Apesar de a língua italiana não fazer parte direta de nossos estudos, acreditamos que a obra deve ser lida por pesquisadores, alunos e profissionais da tradu-

ção, pois as semelhanças entre o italiano e o português facilitam a compreensão do texto. Além disso, é possível relacionarmos as explicações de Francisco e Zavaglia (2008) com outras línguas estrangeiras, como o inglês. Independentemente do par linguístico que temos como foco de trabalho ou pesquisa, concluímos a leitura do livro com mais consciência sobre as armadilhas possíveis de serem encontradas na tradução textual.

Marília Bezerra Cacho & Sinara  
de Oliveira Branco  
UFMG

---